



ENCARTE DO PROFESSOR

CASO: TETRADRACMAS DE ALEXANDRE III

1. Introdução

Nas últimas duas décadas, a biografia ressurgiu como tema de investigação histórica, rompendo com a abordagem da história política tradicional. Trabalha-se tanto com trajetórias de vida, quanto com sujeitos singulares e exemplares para entendermos os fenômenos de uma época histórica e sobre eles lançar novas questões, ou até mesmo o que poderíamos chamar de “anti-biografias”, que não são as vidas e trajetórias de indivíduos, mas representações delas.

A biografia possui várias aplicações e acepções, sendo entre historiadores usada como gênero literário e abordagem teórica, tanto quanto método de análise, a exemplo do que nos mostra a micro-história italiana (Cf. Levi, 2014). Hoje, já não tratamos a biografia de forma linear, já não tratamos de grandes indivíduos que devam ser tomados como exemplos de modos de conduta, e particularmente como governantes ideais. Ao contrário, tentamos entender as construções de sua memória e dessas representações e “modelos ideais”, mas igualmente de seus usos, sobretudo para vias de legitimação.

Na antiguidade, biografia não consistia em um gênero em si. Narrativas biográficas são encontradas em diferentes gêneros literários (apesar de biografias propriamente ditas serem encontradas a partir do século IV A.E.C. e muitas não cobrem trajetórias de vida completas (do nascimento à morte). De fato, esses textos não seguiam claramente uma distinção entre dados acurados (e verificáveis) e imaginação, sendo permitido a seus autores incluir conversas fictícias, ilações sobre sentimentos, comportamentos e pensamentos dos biografados (Cf. Hagg, 2012, p. 3).

Reis, e especialmente reis antigos, atraíram "biografias" para validar sua posição, muitas vezes sendo as cunhagens parte dessa retórica do poder. Alexandre III é um exemplo claro de um desses governantes carismáticos, com diferentes versões e narrativas sobre sua trajetória de vida e governo. Porém, somente no final de seu governo ele passou a utilizar o termo *basileus* em suas cunhagens. De início, ele deu continuidade à tradição de cunhagens de seu pai, Felipe II, demonstrando uma continuidade de governo e usufruindo da aceitabilidade das cunhagens já reconhecidas e em larga circulação. O primeiro tipo com seu nome é aquele de Atenas com elmo coríntio no anverso e a *Niké* no reverso em moedas de ouro (estáteres e distáteres), provavelmente antes de sua campanha asiática de 334 A.E.C., sendo suas moedas de prata emitidas somente a partir de 333-332 A.E.C.



Moedas de ouro e prata se destinavam ao pagamento de soldo, de construções e monumentos ou de mercadorias de alto valor (sobretudo de comércio de longa distância). Certamente que a iconografia dessas cunhagens fora idealizada para fins políticos, proclamando um ideário pan-helênico e de legitimação da realeza macedônica. Contudo, não podemos interpretar essas cunhagens simplesmente como uma “propaganda sistemática”. Uma vez que os reinados antigos eram muitas vezes pessoais e carismáticos, as cunhagens davam-se à disseminação de ideias, contribuindo para a construção (e reafirmação) identitária de comunidades (*koinai*) culturais e religiosas. As cunhagens macedônicas contribuem largamente para a compreensão da transformação da noção de realeza durante o período helenístico (Cf. Thonemann, 2015). No caso das cunhagens de Felipe e Alexandre, elas nos auxiliam inclusive a compreender processos de conectividade, emaranhamento cultural e de globalização, que se evidenciam não somente na iconografia, mas também na disseminação dos padrões e técnicas de cunhagem em regiões conquistadas e entre as populações que atuaram em seus exércitos (como por exemplo entre os “celtas” na região danubiana e na Gália Belga). Vale destacar que o uso de protótipos macedônicos (ditos “imitações”) foram também utilizados para cunhagens locais no mundo greco-macedônico.

2. As imagens de Alexandre III

Pode-se acreditar nas imagens de Alexandre, o Grande, sejam elas representações literárias ou visuais? Do ponto de vista visual, a iconografia é posterior aos textos. Temos o famoso mosaico de Alexandre, que é datado de aproximadamente 100 A.E.C., mas que se acredita ser uma cópia de afresco do século III A.E.C. retratando a batalha contra Dario III, além de pinturas em cerâmica, esculturas em bronze ou mármore, bem como as moedas cunhadas por seus sucessores. Tanto quanto as imagens textuais, essas imagens também foram embasadas em representações e idealizações discursivas que ajudaram a construir (e perpetuar) um imaginário sobre o governante, que também atendiam a interesses de seus sucessores e aliados. Entre essas imagens há uma grande variabilidade de traços faciais, que sugerem diferentes “tradições” de representação visual de Alexandre. Alguns atributos são tidos como mais característicos (e talvez mais próximos da figura de Alexandre) pelos pesquisadores (Cf. Steward, 1993, p. 43), tais como cabelos (ondulados e indomáveis) em *anastole* (penteadado arrumado à volta da cabeça e com cabelos repartidos no meio) e com diadema.

No que se refere às moedas cunhadas por Alexandre com o seu nome, a exemplo dos tetradracmas de Hércules (um dos casos apresentados nesse projeto e na linha tempo para uso com os alunos), não se acredita terem sido elas produzidas como “retratos” governante e sim idealizações dos heróis e divindades nelas representados. Neste caso, Hércules era associado à realeza macedônica, sendo cultuado por Alexandre, e sua família o identificava-se como descendente do herói. A leitura equivocada da imagem de Hércules como sendo um



retrato de Alexandre surgiu postumamente (Cf. Bellinger, 1963; Steward, 1993; Thonemann, 2015). Logo, é importante salientar que não se deve usar as imagens monetárias de Alexandre, quer de suas moedas, quer daquelas cunhadas por seus sucessores, como retrato do governante em si. Esses artefatos devem ser tidos como suporte documental que nos permite compreender um período, onde encontramos em sua iconografia a operacionalização de um repertório cultural de época.

No período helenístico, temos uma construção personalizada do poder, onde o culto a determinados governantes se torna parte crucial do discurso de poder (de indivíduos e de suas famílias) e da sua legitimação de sua autoridade. Nesse sentido, a figura de Alexandre se destaca como definidora para seus sucessores. Entorno de Alexandre, se definiu um ideário de força e bravura, de conquistador e herdeiro da tradição da realeza macedônica. Ele se tornou um rei que recebeu valores e honras divinos (conferidos pelas cidades helênicas) e que agiu como monarca dentro da lei e não como um tirano perante esses helenos (Cf. Mitchell, 2012).

▪ Bibliografia básica da linha do tempo digital:

AVELAR, A.S.; SCHMIDT, B.B. (ORG.) *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
DE CALLATAÏ, F. Royal Hellenistic Coinages: From Alexander to Mithradates. In: METCALF, W.E. (Ed.) *The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage*. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp.175-190.

BELLINGER, A.R. *Essays on the Coinage of Alexander the Great*. New York: American Numismatic Society, Numismatic Studies no. 11, 1963.

FERGUSON, R.J. Propaganda as 'Knowledge' production: Alexander the Great, piety, portents and persuasion. *Culture Mandala: The Bulletin of the Centre for East-West Cultural and Economic Studies*, 12 (2), 2017, pp. 49-94.

HÄGG, T. *The Art of Biography in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HOWGEGO, C. *Ancient history from coins*. London: Routledge, 2002.

HODOS, Tamar. Global, local and in between: connectivity and the Mediterranean. In: PITTS, Martin; VERSLUYS, Miguel John (Eds.). *Globalisation and the Roman World: Archaeological and Theoretical Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, pp. 240-253.

KARSTEN, D. *The Legend of Alexander the Great in Greek and Roman Coins*. London/New York: Routledge, 2007.

LEE, H. *Biography: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LE RIDER, G. *Alexander the great: Coinage, finances, and policy*. Philadelphia: American Philosophical Society, 2007.



De Moedas e Reís

novas perspectivas com o uso de tecnologia 3D

LEVI, G. The Uses of Biography. In: RENDERS, H.; DE HAAN, B. (Eds) *Theoretical Discussions of Biography: approaches from History, Microhistory, and Life Writing*. Leiden: Brill, 2014, p. 61-74.

MEADOWS, A. The Spread of Coins in the Hellenistic World. In: BERNHOLZ, P.; VAUBEL, R. (Eds.) *Explaining Monetary and Financial Innovation: a historical analysis*. Cham: Springer, 2014, pp. 169–95.

MITCHELL, L. Alexander the Great: Divinity and the Rule of Law. In: MITCHELL, L.; MELVILLE, C. *Every Inch a King: Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds*. Leiden: Brill, 2012, pp.91-108.

PRICE, M.J. The Coinage in the Name of Alexander the Great and Philip Arrhidaeus. A British Museum Catalogue. Zurich/London: The Swiss Numismatic Society/ British Museum, 1991.

SHANNAHAN, J. The Numismatic Evidence for the Impact, Legacy, and Image of Alexander the Great. *Ancient History: Resources for Teachers*, 46, 2017, pp. 51-77.

STEWART, A. *Faces of power: Alexander's image and Hellenistic politics*. University of California Press, 1993.

THONEMANN, P. *The Hellenistic world: using coins as sources*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

TROXELL, H.A. *Studies in the Macedonian coinage of Alexander the Great: Numismatic studies*. New York: American Numismatic Society, 1997. Digital Edition:

<http://numismatics.org/digitallibrary/ark:/53695/nnan174624> Disponível desde: 31 August 2016.